

A alternância das formas pronominais *te* e *lhe* em cartas pessoais do Ceará

The alternation of pronoun forms *te* and *lhe* in personal letters of Ceará

Francisco Jardes Nobre de Araújo¹
Hebe Macedo de Carvalho²

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar a alternância dos pronomes *te* e *lhe* com referência a 2ª PESS SING em uso, nas cartas pessoais escritas no Ceará, durante o século XX, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972,1994). A amostra a ser analisada é composta por 186 cartas pessoais. Busca-se investigar a atuação dos grupos de fatores linguísticos tempo verbal e posição do pronome em relação ao verbo na alternância das formas. Em seguida, são apresentados os resultados dessa alternância por remetentes das cartas, com o objetivo de refinar a análise e descrever a distribuição dessas formas por autor. Os dados analisados foram submetidos ao programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e indicam que a alternância *te* e *lhe* apresenta percentuais de uso bastante equilibrados quando se considera a análise do conjunto das cartas. Já na análise por remetente, os resultados demonstram que há autores que só usaram a forma *te*, autores que só usaram a forma *lhe* e autores que fazem a alternância *te/lhe* em sua escrita.

Palavras-chave: Variação *te/lhe*. Cartas pessoais. Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT: This study aims to analyze the alternation of pronouns “te” and “lhe” for the 2nd PESS SING, in personal letters written in Portuguese in the State of Ceará, Brazil, during the twentieth century, in the light of the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972, 1994). The sample to be analyzed is composed of 186 personal letters. It seeks to investigate the actions of groups of linguistic factors tense and pronoun position in relation to the verb in the alternation of social forms. Then are presented the results of this alternation by senders of the letters, in order to refine the analysis and describe the distribution of these forms by author. Data were submitted to the computer program GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) and indicate that the alternation “te”/“lhe” presents percentages rather balanced when considering the analysis of all the letters. In the analysis by sender, the results demonstrate that there are authors who only used “te”, and authors only used “lhe”, and authors that make the alternation “te” / “lhe” in their writing.

Keywords: Pronouns “te”/“lhe”. Personal letters. Sociolinguistics Variationist.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e Professor de Língua Portuguesa na Escola de Ensino Médio Coronel Virgílio Távora, na cidade de Quixadá, CE. E-mail: jardsnobre@hotmail.com

² Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística. E-mail: macedohebe@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo insere-se nos estudos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972; 1994) e tem como foco a variação linguística das formas pronominais *te/lhe* com referência à 2ª pessoa do discurso.

Os dados analisados foram coletados de cartas pessoais escritas por cearenses durante as décadas de 1940-1950, 1960-1970 e 1980-1990. Essas cartas se encontravam em poder de pessoas e familiares de Quixadá, município cearense situado no sertão central do estado distante 167 km de Fortaleza, capital do estado.

As missivas que compõem a amostra deste estudo foram trocadas entre amigos, entre familiares (filha/ mãe, sobrinha/tia, primos, cunhados, irmãos) e entre namorados. São cartas íntimas que tratam de questões pessoais, como confissões, pedidos de desculpas, queixas, dificuldades financeiras ou de amenidades do cotidiano, como descrição de viagens, comportamentos de crianças, rotina de trabalho etc. A amostra é composta por 186 cartas pessoais escritas por pessoas do povo, nascidas em Quixadá ou em Fortaleza, sendo 94 cartas escritas por homens e 92 escritas por mulheres. Ressalte-se que a coleta de banco de dados com base em fontes documentais escritas como cartas pessoais imprime algumas dificuldades porque em geral esses documentos são escassos e, muitas vezes, de difícil acesso. Na constituição do *corpus* desta pesquisa, deparamo-nos com a relativa escassez com que se encontram cartas pessoais em poder das pessoas comuns, já que, em geral, as pessoas costumam desfazer-se de suas correspondências tão logo elas se tornam sem importância para o presente, talvez por verem nelas algo próprio da conversa, que é a efemeridade. Quando o assunto é assaz íntimo, as cartas costumam ser destruídas. Contudo, há quem sinta certa satisfação em compartilhar suas cartas pessoais com terceiros, por considerá-las ingênuas, engraçadas ou simplesmente saudosas. Contamos, então, para a coleta das cartas da amostra com algumas famílias de Quixadá que generosamente disponibilizaram suas cartas pessoais para a pesquisa, graças a elas foi possível montar a amostra com cartas pessoais cearenses. Em geral, o pesquisador que decide se debruçar sobre fontes históricas conta com o acaso desses documentos de sincronias passadas que resistiram ao tempo. Além dessas dificuldades, os documentos históricos acarretam o que Labov (1994, p. 11) chama do problema dos “maus dados”: a escrita dos documentos históricos nem sempre reflete os legítimos traços da língua vernacular dos autores dos textos e, muitas vezes, essas fontes não favorecem a localização de informações precisas acerca da caracterização do perfil social dos escribas. Ainda que

conscientes dessas dificuldades, estudos sociolinguísticos no Brasil (ANDRADE, 2011; LOPES;MACHADO, 2005; SALES, 2007) têm adotados fontes históricas para a pesquisa.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo geral apresentar a alternância das formas pronominais *te* e *lhe* em cartas pessoais em função dos condicionadores linguísticos *tempo verbal da oração* e *posição dos pronomes te e lhe em relação ao verbo*, selecionados significativamente pelo GoldVarb. O fenômeno será analisado também em função das variáveis sociais *décadas* do século XX em que as cartas foram escritas. De posse dos resultados gerais e apoiados nas possibilidades de refinamentos que o GoldVarb proporciona, apresentaremos a análise de dados com o objetivo de investigar o papel do remetente na amostra, visto que, nem sempre, esta é “homogênea em sua constituição, pois pode acontecer de termos informantes que para determinado fenômeno sejam categóricos no tocante à realização da variável em estudo” (MENON, LOREMI-PENKAL, FAGUNDES, 2013).

Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), ferramenta computacional para análise de fenômenos linguísticos variáveis. Os resultados fornecidos pelo GoldVarb X serão apresentados na seção de análise dos dados em que constam a discussão e a interpretação dos dados com base em tabelas, figuras e ilustrados com trechos de cartas da amostra. O artigo traz, portanto, uma descrição e reflexão no que se refere ao estudo em tela.

2 Pressupostos teóricos

Este estudo parte dos pressupostos da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 1972; 1994), que assume a relação língua e sociedade como processos heterogêneos imbricados mutuamente. Nesse sentido, as línguas humanas são condicionadas por forças linguísticas/internas e extralinguísticas/externas constantes que refletem seu funcionamento dinâmico, estruturado, ordenado e passível de ser estudado. Estrutura linguística e heterogeneidade são, portanto, reflexos do funcionamento do sistema linguístico

Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) concebem as línguas – seja do ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada. O pressuposto básico é de que as línguas mudam porque variam e as línguas variam devido à influência de fatores relacionados aos falantes, elementos desprezados pela primeira grande

escola de estudos linguísticos do Ocidente – o estruturalismo, cujo nome mais emblemático é o suíço Ferdinand de Saussure.

Sob essa perspectiva de estudo, a variável linguística é concebida como uma representação abstrata do curso da variação realizada por duas ou mais formas variantes em competição sob efeito da ação simultânea de vários fatores passíveis de quantificação estatística. Para Weireich; Labov; Herzog (2006 [1968]), o estudo da língua que opera com a ideia da heterogeneidade sistemática precisa adotar o princípio que desvincula a estrutura linguística da homogeneidade e precisa descrever ordenadamente a diferenciação numa língua que serve à comunidade. Os autores também ressaltam que as gramáticas nas quais uma mudança linguística ocorre representam gramáticas de comunidade de fala.

Descrever a regularidade da variação em termos de frequência de uma variante ou outra e quais ambientes linguísticos e sociais são mais significativos para a atuação do fenômeno linguístico estudado constituem objetivos centrais dos estudos sociolinguísticos. Ressalte-se que, segundo Labov (1994), há casos de variação estável em que uma determinada variante permanece, ao longo dos séculos, refletindo comportamento linguístico do indivíduo estável por todo o tempo de sua vida, e a comunidade, conseqüentemente, permanece estável; não havendo, portanto, variação para analisar. A variação estável na comunidade de fala não envolve mudança. A Teoria da Variação e Mudança Linguística entende que as línguas humanas são continuações históricas que acompanham as gerações sucessivas de indivíduos, sendo as mudanças que ocorrem numa língua ao longo do tempo resultados da variação entre as formas linguísticas durante certo período.

Em geral, o estudo de sincronias passadas apresenta algumas dificuldades, como por exemplo, localizar documentos que sobreviveram às intempéries do tempo e que atendam as exigências da pesquisa. Além disso, os documentos que sobrevivem ao tempo, muitas vezes, tornam difícil o resgate de aspectos sociais dos escribas, exigência fundamental em estudos de natureza sociolinguística histórica. Acerca disso, Labov comenta que:

embora saibamos o que foi escrito, não sabemos nada acerca do que foi entendido e não estamos em condição nenhuma de desenvolver experimentos controlados sobre a compreensão transdialetoal. Nosso conhecimento do que era distintivo e do que não era é severamente limitado, uma vez que não podemos usar o conhecimento dos falantes nativos para

diferenciar variantes distintivas de não distintivas. (LABOV, 1994, p. 11 – tradução nossa).³

Labov (1994, p. 11) afirma que “a Linguística Histórica pode ser pensada como a arte de fazer o melhor uso dos maus dados”⁴. Para o autor, os documentos históricos, por um lado, são valiosos porque mostram de alguma forma, o modo como a língua era usada em determinada época. Por outro lado são empobrecidos porque esses documentos

sobrevivem por acaso, não por intenção, e a seleção que está disponível é o produto de uma série imprevisível de acidentes históricos. As formas linguísticas em tais documentos são frequentemente distintas do vernáculo dos autores e, em vez disso, refletem esforços de captar um dialeto normativo que nunca foi a língua nativa de nenhum falante. Como resultado, muitos documentos são marcados com os efeitos da hipercorreção, da mistura de dialetos e de erros do escriba (LABOV, 1994, p. 11 – tradução nossa)⁵.

Apesar de tais dificuldades, estudos diacrônicos ou de sincronias passadas com base em fontes históricas (ANDRADE, 2011; SALES, 2007; SILVA, 2011; OLIVEIRA; LOPES, 2007; RUMEU, 2013) têm sido amplamente realizados à luz da Sociolinguística. Os documentos antigos constituem alternativas interessantes para se conhecer determinados estágios de uma língua em épocas mais remotas.

Os estudos no campo da Sociolinguística Variacionista com dados de língua escrita, numa perspectiva diacrônica ou de sincronias passadas, consideram cartas pessoais documentos históricos importantes para o estudo da variação e mudança linguística por serem correspondências realizadas entre duas pessoas, apresentarem marcas de tratamento dispensados ao destinatário e serem textos mais “soltos” em relação ao seguimento da norma-padrão (RUMEU, 2013, p.112), o que pode favorecer o aparecimento de formas em competição.

O estudo em tela se desenvolve à luz desses pressupostos sociolinguísticos e busca contemplar, especificamente, o problema das restrições (*the constraints problem*), à medida

³ No original: “Though we know what was written, we know nothing about what was understood, and we are in no position to perform controlled experiments on the crossdialectal comprehension. Our knowledge of what was distinctive and what was not is severely limited, since we cannot use the knowledge of native speakers to differentiate nondistinctive from distinctive variants.”

⁴ No original: “Historical linguistics can then be thought of as the art of making the best use of bad data”. (tradução nossa)

⁵ No original: “Historical documents survive by chance, not by design, and the selection that is available is the product of an unpredictable series of historical accidents. The linguistic forms in such documents are often distinct from the vernacular of the writers, and instead reflect efforts to capture a normative dialect that never was any speaker’s native language. As a result, many documents are marked with the effects of hypercorrection, dialect mixture, and scribal error.”

que busca analisar os possíveis condicionadores linguísticos e extralinguísticos da variação das formas pronominais *te* e *lhe* em cartas pessoais escritas no estado do Ceará.

3 A variação das formas pronominais *TE* e *LHE*

Conforme LYONS (2011, p. 235), na maioria das línguas naturais, existe uma distinção entre o que se chama convencionalmente de pronomes de tratamento polidos e pronomes de tratamento familiares para se referir ao interlocutor (2ª PESS SING).

Brown e Gilman (1960) observam, à luz da teoria T-V (T de *tu* e V de *vos*, em latim), que o uso dessas formas de tratamento norteia-se por dois princípios, o de “poder” e de “solidariedade”.

Duarte (1993) afirma que a competição das formas *tu* e *você* se acentuou no início do século XX, o que pode ter ocasionado a variação entre as formas oblíquas de *tu* e *você*. Ainda segundo a autora, em pesquisa realizada com amostra de cartas pessoais escritas durante o período de 1845 até 1992, a distinção entre as formas T (*tu, te, ti, teu*) e V (*você, o/a, lhe, se, si, seu*), em uso no português do Brasil (doravante PB), torna-se mais frequente nos seus dados por volta da década de 1930. A forma V assume os valores comunicativos de polidez e de formalidade, bem como passou também a ser usado como forma T, ocasionando a competição dessas variantes entre si. Rumeu (2013), que estudou o pronome *você* em cartas de uma família carioca escritas em fins do século XIX e na primeira metade do século XX, também afirma que *você* passou a ser mais produtivo nos anos 30.

A variação entre as formas *te* e *lhe* constitui uma das variações pronominais mais recorrentes no português falado no Brasil, em diversas regiões do país. Bagno (2012, p. 230), reconhece a forma *lhe*, como índice de 2ª pessoa na fala culta do PB, como um recurso legítimo e ressalta que a alternância das variantes *te* e *lhe* apresenta variação regional: o pronome *te* predomina em São Paulo e em grande parte de Minas Gerais (RAMOS, 1997; MOTA, 2008), onde *tu* caiu em desuso. Já o pronome *lhe* é muito frequente no Nordeste, especificamente nos estados do Ceará, onde se ouve mais *tu* do que *você* (SOARES, 1980), e da Bahia (ALMEIDA, 2009).

A forma *lhe*, do latim *illi*, dativo da 3ª PESS SING, a que as gramáticas tradicionais atribuem a função de objeto indireto com referência a pessoas, tem sido usada na língua também na função de objeto direto, como observam Boléo (1943), Nascentes (2003) e

Monteiro (1994), por exemplo. Uma vez que *lhe*, originalmente de 3ª PESS, passou a ser usado como dêiticos para indicar a 2ª PESS, registra-se a variação desse pronome com *te*, o que pode ser verificado em (1), trecho de uma carta de amigos escrita em 1973. O exemplo que segue foi retirado da amostra que compõe o banco de dados deste estudo.

(1) Você não imagina como **lhe** esperei na agência [...] Não sei bem o que eu faria se algum dia eu te reencontrasse [C058-5.8.1974]⁶.

Note-se, em (1), que tanto a forma *lhe* quanto a forma *te* assumem, na mesma carta, valor de 2ª PESSOA com função sintática de objeto direto.

Sales (2007, p.66) estudou os aspectos linguísticos e sociais no uso dos pronomes pessoais em cartas pessoais baianas escritas no Século XX e afirma que, no *corpus* de seu trabalho, o uso do clítico *lhe* como acusativo (função de objeto direto) e como dativo (função de objeto indireto) é muito frequente em seus dados, de modo que as construções só ocorrem como complementos de verbos transitivos diretos (doravante VTD) ou com verbos transitivos diretos e indiretos (doravante VTDI), mas nunca com transitividade só indireta. A autora ressalta que o uso de *lhe* como acusativo pode indicar ser este parte da gramática dos informantes. Seus resultados demonstraram que só houve ocorrências de *lhe* com referência ao interlocutor (2ª PESS), não havendo, na amostra analisada, ocorrências de *lhe* com remissão à 3ª PESS.

Para Machado (2006, p. 99), a consolidação do você como estratégia de referência à 2ª PESS pode remontar o século XX, por volta de 1918, alterando “substancialmente o comportamento do preenchimento dos sujeitos ao longo do século XX, visto que o aumento da frequência de uso das formas plenas está intimamente ligada ao aumento da produtividade do *você*.” Tendo o *você* entrado em competição com *tu* e, assim, adquirido também a função de forma T passou-se a recorrer a expressões nominais para substituir as formas V. Como bem afirma Lopes (2007),

a implementação de *você* e *a gente* no sistema de pronomes pessoais gerou uma série de reorganizações gramaticais, tanto no subsistema de possessivos, quanto no de pronomes que exercem função de complementos diretos ou indiretos. (Lopes, 2007. p. 116).

⁶ As informações entre colchetes remetem a enumeração das cartas da amostra que compreende C001 a C186, seguidas da data em que foram escritas.

Para a autora, a combinação entre as formas do paradigma de *tu* e as formas do paradigma de *você* já é tão natural no PB que não se pode mais continuar falando de “falta de uniformidade de tratamento”, como, frequentemente, alegam alguns gramáticos.

Diversos estudos sobre o PB mostram que a forma T (ora *tu*, ora *você*) é variável ao longo da extensão territorial do país. Com relação ao uso de *lhe*, Nascentes (2003, p. 447) diz que o emprego de *lhe* dativo se atenuou, usando-se de preferência as expressões *a ele*, *para ele*, *a você*, *para você*, seguindo uma tendência analítica da língua. Se se considerar a assimilação do *lhe* como pronome com função acusativa, parece haver uma regularização no PB: *me* e *te*, acusativo e dativo, e *lhe*, também, acusativo e dativo.

Diante desse breve histórico acerca do uso das formas alternadas *te* e *lhe*, interessantes, neste texto, apresentar a descrição desses pronomes na escrita de cartas pessoais cearenses.

A seguir serão detalhados os procedimentos metodológicos adotados para a coleta, codificação e, conseqüentemente, análise de dados.

4 Procedimentos metodológicos

Para compreender os aspectos da variação entre as formas *te/lhe*, fizemos uma pesquisa de caráter empírico e documental, tendo como *corpus* 186 cartas escritas por habitantes dos municípios de Quixadá e de Fortaleza, estratificadas por décadas em que foram escritas e sexo/gênero dos remetentes. Para a constituição do *corpus*, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- a) os documentos históricos deveriam apresentar a estrutura do gênero carta pessoal⁷.
- b) os autores das cartas deveriam ter nascido em Quixadá ou em Fortaleza.
- c) as cartas deveriam ser escritas por pessoas do povo⁸.
- d) A coleta das cartas deveria ser feita em apenas uma cidade, no caso Quixadá, para facilitar e garantir a identificação de informações sociais a respeito dos remetentes e dos destinatários.

⁷ Foram, portanto, desconsideradas cartas comerciais, cartas do leitor, cartas de protesto e cartas circulares (no período em que era intensa a comunicação por cartas, desenvolveu-se o hábito de escrever cartas em corrente, isto é, com cópias para diversos destinatários, com a recomendação de que novas cópias daquela carta fossem feitas e enviadas a novos destinatários, os quais deveriam enviar de volta uma das cópias para cada remetente, multiplicando assim o número de cópias de modo a não quebrar a corrente.

⁸ Foram excluídas cartas escritas por profissionais da linguagem, escritores ou autoridades instituídas.

f) as cartas poderiam ter sido escritas e trocadas entre parentes, amigos, namorados, noivos ou cônjuges.

g) as cartas que comporiam a amostra deveriam ser escritas por homens e por mulheres.

Os critérios supracitados foram adotados com o objetivo de atender, ao máximo, as exigências metodológicas propostas pela Sociolinguística Variacionista, no tocante a estratificação do *corpus*.

A seguir, serão apresentadas as variáveis linguísticas e sociais sob controle.

Variáveis linguísticas

Considerando que *te* e *lhe* são pronomes oblíquos átonos, portanto, clíticos que se relacionam com o verbo que o rege, partimos da hipótese de que os aspectos ligados ao verbo podem ser fatores condicionadores da seleção por um ou outro pronome. Nesse sentido, apresentamos os dois grupos de fatores selecionados como significativos pelo GoldVarb X: *tempo verbal da oração e posição dos pronomes te e lhe em relação verbo*.

a) Tempo verbal da oração

Como o tempo verbal é uma categoria dêitica, referenciando o tempo linguístico em que se dá o fato (passado, presente, futuro), assim como o pronome, que aponta para a pessoa (a que fala, a com quem se fala, a de quem se fala), é possível que haja uma relação entre as duas categorias gramaticais. Partimos da hipótese de que o tempo verbal constitui um grupo de fatores importante na seleção dos pronomes em estudos em alternância. Para a codificação dos dados, optamos por considerar o tempo gramatical expresso na morfologia dos verbos. O leitor pode conferir a constituição deste grupo de fatores, no quadro, a seguir.

Tempo verbal	Exemplos
Presente do indicativo	(2) Comunicu-te o recebimento de sua carta [C001-7.1.1940].
Pretérito perfeito	(3) Peço encarecidamente que não comente nada sobre o que eu lhe falei [C119-1.1.1981].
Pretérito imperfeito do indicativo	(4) Com a ausência de quem te era caro [C110-28.5.1984]
Futuro do presente do indicativo	(5) Depois eu lhe escreverei melhor [C186- 20.8.1987].
Futuro do pretérito do indicativo	(6) Eu até lhe sugeriria uma coisa muito importante [C186-20.8.1987].
Presente do subjuntivo	(7) Peço a Deus que ele te ajude [C078-12.7.1977].
Pretérito imperfeito do subjuntivo	(8) Telefonei pra Rejane e disse pra ela que lhe dissesse que nós não havíamos gostado da carta [C126-13.5.1981]
Futuro do subjuntivo	(9) Rezo a Deus que alcance tudo que te for bom [C108-10.3.1980].

A constituição do outro grupo de fatores selecionado, a posição dos pronomes *te* e *lhe* em relação ao verbo, pode ser conferida na seção seguinte.

b) *Posição dos pronomes te e lhe em relação ao verbo*

Diversos autores (CASTILHO, 2012, p. 303; MONTEIRO, 1994, p. 187; COELHO, 2003) afirmam que o PB é uma língua com tendência de uso proclítica. O uso da ênclise parece ser corrente em fórmulas fixas (*danou-se, deixe-me ver, parece-me*) ou em textos falados e escritos submetidos à monitoração estilística (BAGNO, 2012, p. 741). Nesta pesquisa, partimos da hipótese de que a próclise ou a ênclise pode ser um condicionador do uso das formas *te* e *lhe* (função de 2ª PESS). Segue a composição desse grupo de fatores e os respectivos exemplos retirados da amostra de cartas pessoais em estudo.

Posição do pronome	Exemplos
Próclise	(10) Depois eu lhe escreverei melhor[C186- 20.8.1987].
Ênclise	(11) Pessu- te ler esta carta a todos [C001-7.1.1940].

As cartas foram estratificadas por décadas, conforme detalhamento a seguir.

Variáveis sociais

A variável social década em que as cartas foram escritas ficou distribuída da seguinte maneira:

I - 1940 a 1950 (26 cartas);

II - 1960 e 1970 (80 cartas);

III - 1980 e 1990 (80 cartas).

Como já foi dito, para a análise dos dados, utilizamos o programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), criado como ferramenta de análise para cálculos estatísticos que auxiliam a análise e descrição dos dados.

Ao final da análise que contempla o conjunto das cartas, será apresentada a análise em que procuramos investigar o uso dos pronomes em foco controlando os remetente das cartas que compõem a amostra em estudo.

De posse dos procedimentos metodológicos, apresentamos a análise dos dados.

5 Análise dos dados

Como já dissemos, os resultados a serem apresentados foram fornecidos pelo programa GoldVarb X que recebeu como input ocorrências dos pronomes em alternância *te* e *lhe* coletados de 186 cartas pessoais escritas por cearenses, durante o século XX.

Ao todo somaram-se 481 ocorrências das quais 51% (245 dados) foram de *lhe* e 49% (236 dados) de *te*. A alternância nas cartas é muito frequente e apresenta resultado bem equilibrado entre as duas formas em competição.

A seguir, apresentamos a análise das duas variáveis linguísticas selecionadas significativamente pelo GoldVarb X.

5.1 Tempo verbal da oração

Como já foi dito, esse grupo de fatores foi selecionado significativamente para a alternância dos clíticos *te* e *lhe*, nas cartas pessoais.

Os tempos verbais PRET PERF IND e PRET IMPERF INDIC foram amalgamados e passaram a ser denominado pretérito do indicativo (PRET INDIC) em razão de escassez de dados e de nocautes. O FUT SUBJ foi retirado da rodada por ter ocorrido apenas uma vez, de modo que temos apenas resultados do tempo verbal FUT PRES INDIC. Os resultados, a seguir, são referentes ao uso do pronome LHE.

Tabela 1 - Tempo verbal da oração e o uso do pronome *lhe*

Tempo verbal	Oco/Total	%	Peso Relativo
PRES IND	75/157	47,8	.45
PRET IND	24/41	58,5	.63
FUT PRES IND	5/11	45,5	.49
PRES SUBJ	7/34	20,6	.26
PRET IMP SUBJ	2/3	75	.73

Apesar de poucas ocorrências (apenas 3), o tempo verbal que mais favoreceu o uso do clítico *lhe* foi PRET IMP SUBJ (0,73) seguido do PRET INDIC (0,63). Os tempos verbais do FUT PRES INDIC (0,49), PRES INDIC (0,45) e o PRES SUBJ (0,26) desfavorecem a presença do *lhe*, mostrando-se, assim, contextos favorecedores da forma *te*.

A seguir, são apresentadas as 3 ocorrências de orações no PRET IMP SUBJ. O *lhe* ocorreu em duas das 3 orações.

(12) Se a igreja em Fortaleza, **lhe** chama-se para pastoria-la [C034-3.8.1966].

(13) Telefonei pra Rejane e disse pra ela que **lhe** dissesse que nós não havíamos gostado da carta [C126-13.5.1981].

(14) Não sei bem o que eu faria se algum dia eu **te** reencontrasse [C058-5.8.1974].

Partimos da hipótese de que verbos no PRES INDIC restringiriam o uso de *lhe*, por esse tempo verbal codificar preferencialmente um fato atual, isto é, que ocorre simultaneamente ao momento em que se fala (CUNHA, 1986, p. 429) ou que acontece habitualmente (BECHARA, 2003, p. 276), de modo que, numa carta, aproximaria o remetente do destinatário, pondo-os em um mesmo espaço cronológico, o que poderia refletir numa sensação de aproximação no espaço físico e, daí, o pronome que melhor codifica a aproximação entre as pessoas é o *te*, e não o *lhe*, no que se refere à clássica distinção T/V. Os verbos no PRES SUBJ e no PRET SUBJ também restringiriam o uso de *lhe*, pois indicam desejo, hipótese, concessão, dúvida (CUNHA, 1986, p. 443-452), contextos reveladores de uma relação de aproximação ou de intimidade entre os interlocutores, o que favorece o uso de *te*, por ser este um pronome próprio de 2ª PESS (forma T), não tendo, ao longo da história da língua portuguesa, se revestido de polidez (forma V). Nossas hipóteses foram confirmadas, conforme é possível conferir na tabela acima.

Acreditávamos que verbos nos PRET PERF E PRET IMP INDIC e verbos no FUT PRES INDIC, por sua vez, favoreceriam o uso de *lhe*, por remeterem a momentos distantes no tempo, o que pode refletir na consciência do distanciamento no espaço entre remetente e destinatário, daí o favorecimento do uso de um pronome de conotação menos íntima, como o *lhe*. Os tempos verbais do pretérito do indicativo favorecem a regra com peso relativo (.63) e o futuro do pretérito desfavorece com peso relativo .49, abaixo do ponto neutro (.50) de atuação da regra.

Em linhas gerais, os resultados indicam que os tempos verbais no pretérito tanto do modo indicativo (.63) quanto do modo subjuntivo (.73) constituem ambientes linguísticos favoráveis do uso da forma pronominal *lhe* nas cartas pessoais escritas no Ceará.

5.2 Posição dos pronomes *te* e *lhe* em relação ao verbo

Sendo *te* e *lhe* pronomes oblíquos átonos, vocábulos dependentes, sua realização no plano fonológico depende do verbo que os rege. Vocábulos dessa natureza são chamados de

clíticos, porque, conforme Dubois *et al.* (1973, p. 112-3), “dependem, quanto à acentuação, das palavras que os seguem ou os procedem, ou dentro das quais eles se põem.” Como vimos com relação ao uso dos clíticos, o PB tem apresentado uma tendência para o uso da próclise (CASTILHO, 2012, p. 303; MONTEIRO, 1994, p. 187; COELHO, 2003). Essa tendência foi confirmada na amostra das cartas pessoais cearenses, conforme os resultados gerais expostos na tabela a seguir.

Tabela 2 – Uso da próclise e da ênclise nas cartas pessoais

Posição do pronome	Oco/Total	%
Próclise	369/480	77%
Ênclise	111/480	23%

Os resultados nos autorizam dizer que, no conjunto das cartas escritas no Ceará, prevaleceu o uso da próclise, confirmando a tendência proclítica do português do Brasil. Das 480 ocorrências das formas pronominais em estudo 369 dados, ou seja, 77% ocorreram em posição de próclise. O percentual de ênclise corresponde a 23%. Ressalte-se que esses são os resultados gerais contemplando o conjunto de dados da amostra. Mas qual a posição que favorece o uso de *lhe* na escrita de cearenses?

A considerar apenas os resultados referentes ao uso do clítico *lhe* como valor de aplicação da regra no GoldVarb, esse resultado se inverte e a ênclise passa a ser a posição preferida nas cartas: do total de 111 ocorrências com ênclise, 78 são de *lhe*, o que corresponde a 70% e 0.70 de peso relativo desse total, contra 45% e 0.43 de peso relativo de ênclise, ou seja, a forma *lhe* prevaleceu sobre a forma *te* nessa posição sintática. A tabela seguinte apresenta esses resultados.

Tabela 3 – Uso da forma *lhe* em relação ao verbo

Variáveis	Oco/Total	%	Peso Relativo
Ênclise	78/111	70	.70
Próclise	167/369	45	.43
Total	245/480	51%	-

Se considerarmos uso do pronome *lhe* como valor de aplicação e cruzarmos com o grupo de fatores função do pronome, constatamos que das 78 ocorrências desse pronome na posição de ênclise, 71 são relativas à função sintática de DAT. A tabela seguinte ilustra esse cruzamento.

Tabela 4 – Cruzamento da posição do *lhe* vs. função sintática

Variáveis	Ênclise	%	Próclise	%
-----------	---------	---	----------	---

Dativo	71/100	71%	113/227	50%
Acusativo	7/11	64%	54/142	38%
Total	78/111	70%	167/369	45%

Aqui os resultados são mais detalhados em relação à função sintática do *lhe* e sua posição na frase em relação ao verbo: do total de 100 ocorrências do *lhe* na posição de ênclise, 71 ocorreram com função sintática de dativo (objeto indireto), o que corresponde a 70% dos dados nessa posição. Dos 11 dados de *lhe* enclítico com função de acusativo 7 assumiram a função de acusativo (objeto direto). Com relação à próclise, do total de 227 dados de *lhe* nessa posição, 113, ou seja, 50% também exprime essa função sintática contra 38% com função acusativa.

Isso nos autoriza concluir que o uso de *lhe*, apesar de assimilar a função de acusativo tanto na posição de ênclise (64%) quanto na posição de próclise (38%), conserva, com alto percentual de frequência, a função sintática DAT nas cartas cearenses. Esses dados confirmam a assertiva de Nascentes (2003, p. 447) quando ressalta que o *lhe* acumulou as funções de dativo e de acusativo, seguindo uma regularização no PB: *me* e *te*, acusativo e dativo, e *lhe*, também, acusativo e dativo. Contudo, nas cartas cearenses, o percentual referente à função de objeto indireto foi bastante significativa, demonstrando a persistência dessa função na forma pronominal em tela.

A seguir, são apresentados exemplos do *lhe* em posição de ênclise e com função de dativo, retirados da amostra de cartas sob controle:

(15) Quero pedir-**lhe** mil desculpas por não escrever [C159-6.8.1992].

(16) Há muitas coisas que gostaria de contar-**lhe** [C179-29.6.1994].

Em linhas gerais, a considerar os dois grupos de fatores linguísticos supracitados, selecionados como significativos pelo GoldVarb X, é possível afirmar que a alternância dos pronomes *te* e *lhe* nas cartas cearenses apresenta percentual de uso bastante equilibrado com 50,9% de uso do *lhe* e 49,1% de uso do *te* do total de 481 dados, contudo quando se considera o *lhe* como valor de aplicação na posição de ênclise, essa forma é predominante em relação ao *te*. Quanto à categoria de tempo, o *lhe* foi selecionado em orações com verbos nos tempos verbais no pretérito (pretérito do indicativo e do pretérito imperfeito do subjuntivo).

Na seção seguinte, serão apresentados os resultados da variável linguística em estudo, usada pelos remetentes das cartas. Considerando que a amostra nem sempre é homogênea em sua constituição, pois pode acontecer de termos informantes que para determinado fenômeno

sejam categóricos no tocante à realização de uma das variantes da variável em estudo (MENON et al, 2013, p. 319), nosso objetivo é investigar a distribuição das formas pronominais por remetente, conhecer e descrever o papel dos remetentes na atuação do fenômeno, a fim de obter uma descrição e análise por indivíduo acerca desses usos nas cartas cearenses. Consideramos, com base em Labov (1972, p.192), que os indivíduos de uma mesma comunidade de fala compartilham um conjunto de padrões normativos mesmo quando há variação altamente estratificada na fala real. Embora este estudo não seja na língua falada, acreditamos que esse pressuposto laboviano pode se aplicar a escrita das cartas.

A análise será apresentada apenas em termos percentuais. Na seção seguinte, é possível conferir os resultados da alternância por remetente.

5.3 A alternância dos pronomes *te* e *lhe* por remetentes das cartas

De posse dos resultados gerais em que o percentual da variação das formas *te* e *lhe* apresenta-se relativamente equilibrado nas cartas cearenses (51% de *lhe* e 49% de *te*), nosso objetivo nesta seção é investigar o uso dessas formas por remetentes das cartas. Interessa-nos analisar com detalhes até que ponto essa alternância/variação se mantém por remetente e saber qual a distribuição dessas formas na escrita desses autores. Assim, optamos por levantar os dados a partir de cada autor/remetente.

Ressalte-se que a amostra para efeito deste estudo é composta por 186 cartas, sendo 86 remetentes (39 homens e 47 mulheres), conforme a tabela abaixo.

Tabela 5 – Número de remetentes e a relação de cartas da amostra vs. sexo

Sexo/Gênero	Nº de remetentes	Nº de cartas
Masculino	39	94
Feminino	47	92
Total	86	186

De posse da tabela é possível dizer que 39 remetentes homens escreveram 94 cartas e 47 remetentes mulheres escreveram 92 cartas, distribuídas pelas décadas sob controle. Não foi possível compor células ortogonais entre o número de remetentes e a quantidade de cartas escritas por período. Em média, temos 2 cartas por remetente em cada período, contudo há casos de autores/remetentes que só escreveram uma única. Segue o quadro que apresenta essa distribuição.

Tabela 6 – Número de remetentes vs. autoria das cartas distribuídas por década

Décadas	Remetentes		Autoria das cartas	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
I - 1940 - 1950	10	10	14	12
II - 1960 – 1970	16	22	40	40
III – 1980 – 1990	13	15	40	40
Total	39	47	94	92

Como é possível conferir na tabela acima, não foi possível compor uma amostra que atendesse de forma equilibrada a estratificação nos moldes sociolinguísticos. Como dissemos, os documentos históricos são fontes que resistiram ao tempo e o pesquisador conta com os achados desses documentos de modo que, muitas vezes, torna-se inviável compor células ortogonais na organização do *corpus* (GUY;ZILLES, 2007). Assim temos que, nas décadas I, 20 remetentes ao todo escreveram 26 cartas, nas décadas II, 38 remetentes escreveram 80 cartas e nas décadas III, 28 remetentes escreveram 80 cartas. Se olharmos apenas para o conjunto das cartas e considerar a autoria por sexo, apenas as décadas II e III apresentam células ortogonais, já que distribui 80 cartas (40 de homens e 40 de mulheres) de forma comparáveis entre si em termos numéricos. Dito isso, passamos para a descrição das ocorrências por remetente.

A tabela a seguir apresenta resultados do número de ocorrências categorizado por remetentes que usaram apenas a forma *te*, remetentes que alternaram as formas *te* e *lhe* em suas cartas e remetentes que usaram apenas a forma *lhe*. Os resultados confirmam que a amostra não é homogênea e a análise por autor das cartas pode nos fornecer uma descrição mais detalhada e confiável do fenômeno nesses documentos escritos no Ceará.

Tabela 7 – Uso das formas *te* e *lhe* por remetentes

Apenas TE	Alternância TE/ LHE	Apenas LHE
21	18	47
86 remetentes		

Dos números apresentados, constata-se que 68 remetentes se mostraram categóricos (21 usaram apenas *te* e 47 apenas *lhe*) no uso desses pronomes. Note-se também a diferença entre esses números: há muito mais remetentes categóricos no uso do *lhe*, confirmando o resultado geral que apresenta 51% das cartas com a presença dessa forma, bem como pode ser um indício da preferência desse pronome na região nordeste, especificamente no Ceará. A

alternância foi usada por apenas 18 remetentes, número inferior ao conjunto de remetentes que fizeram usos categóricos.

Considerando o controle das cartas por décadas, realizamos o cruzamento das formas por remetente e por década em que as cartas foram escritas. Na tabela seguinte, é possível conferir a quantidade de remetente que usou categoricamente as formas *te* e *lhe* e que alternaram essas formas pronominais nas décadas 40-50, 60-70 e 80-90.

Tabela 8 - Uso dos pronomes *te* e *lhe* década vs. remetente

Décadas	Apenas TE	Alternância TE/LHE	Apenas LHE	Total de remetentes
I - 40-50	5	4	9	18
II - 60-70	8	8	21	37
III- 80-90	8	6	17	31
Total	21	18	47	86

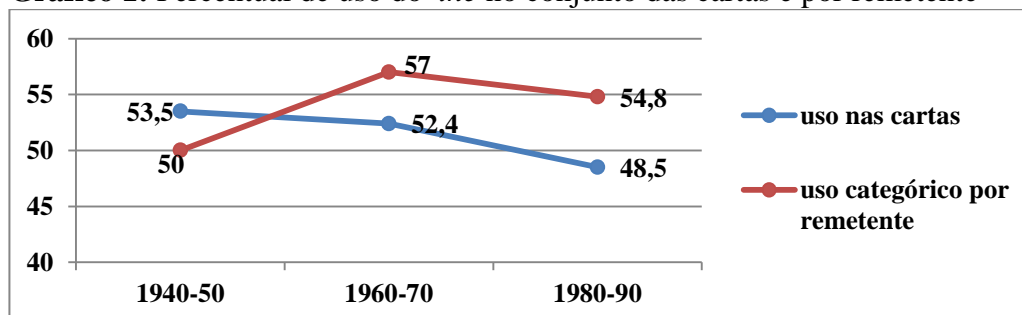
A análise por remetentes e por décadas mostra, com detalhes, que a forma *lhe* foi a preferida dos autores das cartas cearenses nas décadas I (9 remetentes), II (21 remetentes) e III (17 remetentes), ou seja, 47 do total de 86 autores usaram categoricamente o clítico *lhe*. A alternância foi usada por apenas 18 remetentes, demonstrando que esses autores adotam um comportamento extremamente condizente com os preceitos da gramática normativa, evitando a “mistura de pronomes”. Seguem, na tabela seguinte, os resultados do uso de apenas *lhe* nas cartas em termos percentuais.

Tabela 9 – Percentual de remetentes que usaram apenas *lhe* vs. décadas

Décadas	Autores/Total	%
I- 1940-50	9/18	50
II - 1960-70	21/37	57
III- 1980-90	17/31	54,8
Total	47/86	54,7

Do total de 86 remetentes, 54,7% usaram apenas *lhe* em suas cartas. Segue o gráfico com os percentuais da tabela supracitada e com os percentuais do *lhe* no conjunto das 186 cartas da amostra vs. as décadas.

Gráfico 1: Percentual de uso do *lhe* no conjunto das cartas e por remetente



O gráfico mostra que o *lhe* apresentou uma média percentual acima de 50% de frequência tanto no conjunto das 186 cartas da amostra e como por remetente em todas as décadas. Os resultados por remetente mostram detalhes interessantes da variação *te* e *lhe* nas cartas cearenses do século XX: no conjunto das cartas, *lhe* apresenta resultados equilibrados com a forma *te* (51% e 49% de *te*). Contudo, ao refinar a análise, observa-se que esse percentual é distribuído por 18 remetentes que variam essa forma com o *te* e 47 que usaram apenas o *lhe* em suas cartas.

Dos 86 remetentes, merece destaque a autor das cartas C114 e C162 que mais usou *lhe* sem alternar com o *te*. Os trechos de suas duas cartas ilustram esse uso.

(17) Eu mandei **lhe** chamar exatamente para acerta esse negócio [C114-11.10.1980]

(18) Com estas poucas linhas quero **lhe** falar de um assunto (...) quero lhe dizer que não quero que esta carta venha trazer inimizade entre nós dois (...) [C162-30.6.1988].

Note que o remetente usa *lhe* indiscriminadamente como OD (“mandei *lhe* chamar”), como OI (“quero *lhe* falar”) e como CN (“não *lhe* fui útil?”).

Dentre os que fizeram uso de apenas *te*, destacamos o autor das cartas C093 e C105, cujos trechos transcrevemos abaixo:

(19) Deus te dê felicidade (...) que a virgem mãe de Deus **te** cubra com o manto (...) Deus **te** dê paz e paciência e **te** conserve sempre o mesmo que conhecia quando colega de aula. [C093-7.5.1979]

(20) mamãe e todos **te** envia um feliz natal (...) Francisco o que posso dizer-**te**, e que Deus ilumine teus passos (...) também **te** envio uma pequena lembrança (...) tudo que posso dizer-**te**, o que representa pra mim, é como fosse um irmão (...) já mais esquecerei **te** prometo, que sempre seremos amigos fieis. [C105-25.12.1979]

Tais ocorrências, porém, não trazem nada de inovador quanto ao uso de *te*, pois, não é uma só forma usada tanto para o ACUS quanto para o DAT, mas dois homônimos de étimos diferentes: quando o remetente escreveu “te conserve”, usou o *te* derivado do acusativo latino *tē*; quando escreveu “te dê”, “te envia”, “dizer-te” e “te prometo”, usou o *te* derivado do dativo latino *tibi*.

Como já foi dito, a variação *te/lhe* foi usada por 18 autores do total de 86. Seguem alguns exemplos dessa alternância nas cartas C171 e C174, da mesma remetente em que o *te* predomina:

(21) eu queria poder está aí e até ser uma pessoa em que pudesse fazer você esquecer quem tanto **te** magoou (...) um dia você irá encontrar alguém que realmente **te** ama (...) quero **lhe** mostrar que não devemos nos desesperar (...) estou aqui para **te** ajudar (...) **Te** Adoro meu amigo [C171-28.8.1992]

(22) Espero que esteja bem, que Deus **lhe** acompanhe (...) Não **lhe** escrevi antes pois estou um pouco ocupada (...) pois como **lhe** falei, não temos uma pessoa para investir. Preciso saber + ou – a data que você está aqui, preciso **lhe** vê (...) queria **lhe** pedir se possível mandasse para mim duas letras de música (...) **te** agradeço por tudo (...) **te** adoro [C174-9.12.1992]

A situação oposta, ou seja, *lhe* predominando na variação individual, pode ser verificada nos trechos das seguintes cartas do mesmo remetente:

(23) Você não imagina como **lhe** esperei na agência e como fiquei triste por ver que não vinhas. (...) Quero que desculpes o que escrevi naquele endereço ou melhor naquele papel que **lhe** entreguei. (...) Não sei bem o que eu faria se algum dia eu **te** reencontrasse (...) como é que eu sendo esquecida não consigo **te** esquecer. (...) não sei se era de tristeza ou se era vontade de **te** ver, mas quando **te** vi percebi que não era tristeza. (...) Não destrua o endereço que **lhe** dei, você irá precisar dele, quando eu voltar para o endereço que **lhe** dei avizarei (...) Peço-**lhe** inúmeras desculpas se com a chegada desta você fique aborrecido (...) peço-**lhe** por tudo que você mais preza não deixe de me escrever. (...) Francisco já que vou custar a ver-**lhe** isto é só vou ver-**lhe** em dezembro. [C058-5.8.1974]

(24) Eu **lhe** quero como você realmente é e não como queres ser (...) Quanto a escolha que você me fala pensarei bem e depois mandarei **lhe** dizer ok? (...) Na próxima carta mandarei **lhe** dizer uma coisa muito importante (...) Mais um grande beijo daquela que não **te** esquece e que **te** admira. [C059-9.8.1974]

A análise por remetente nos permitiu comprovar que a amostra de fato não é homogênea: há escribas em que o uso de uma determinada variante parece ser categórico, predominando em uns a forma *lhe*, em outros *te*. Além disso, há remetentes que oscilam entre as variantes *te/lhe*, também ora predominando a escolha por *lhe* em uns e a escolha por *te* em outros. A análise da variação “só do todo” pode mascarar as diferenças e não fornecer detalhes acerca do fenômeno em variação ou mudança.

Como mostram Menon, Loregian-Penkall e Fagundes (2013), a análise da variação no indivíduo deixa claro que se pode considerar o todo, porém sem se esquecer das partes fundamentais que o compõem e permite verificar se a ortogonalidade que a rodada geral apresenta também existe na amostra individualizada. Ao se considerar o indivíduo, no nosso caso, os remetentes, obtemos uma descrição mais confiável para dar conta do comportamento da variável em estudo. Vimos que variação do fenômeno em tela coocorre com usos

categoricos e mostrou que a forma *lhe* foi a mais frequente com persistência da função de 3ª pessoa do singular na escrita das cartas cearenses.

CONCLUSÃO

A análise leva-nos a concluir que, na amostra de cartas pessoais cearenses, a forma *lhe* (51%) apresenta competição acirrada com a forma *te* (49%). O *lhe* foi usado pelos autores, sobretudo, em posição enclítica (70%) em orações com tempos verbais no pretérito do indicativo e no pretérito imperfeito do subjuntivo, contextos linguísticos favorecedores dessa forma como valor de aplicação.

A análise que considera os remetentes das cartas apresenta resultados muito interessantes. Embora a direção dessa análise tenha se mantido em relação à rodada que considera o conjunto das cartas, ou seja, o *lhe* foi a forma mais frequente, também mostrou que dos 86 remetentes das cartas, 54,6% empregaram esse pronome de forma categórica e apenas 20,9% o empregaram em variação com *te*. Outro dado interessante foi constatar que a amostra não é homogênea: os escribas das cartas tendem a manter o uso do pronome em suas cartas, ou usam apenas *te* ou apenas *lhe*. Do total de 86 escribas, somente 18 realizam a alternância *te/lhe* em suas missivas. Observa-se que os autores são conservadores em sua escrita e procuram seguir rigorosamente as normas prescritivas da gramática, evitando a “mistura de pronomes” tão condenada pelos gramáticos tradicionais da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. de S. *Quem te viu quem lhe vê: a expressão do objeto acusativo de referência à segunda pessoa na fala de Salvador*. 2009. 193f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

ANDRADE, M. L. da C. V. de O. Gênero social e norma linguística: estudo de formas de tratamento em cartas pessoais. In: PRETI, D. (org.). *Variações na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2011, p. 111-131.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BOLÉO, M. de P. *Brasileirismos (Problemas de Método)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1943.

BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. *American Anthropologist* 4 (6), p. 24–39, 1960.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

COELHO, T. M. S. *A sínclise dos substantivos pessoais átonos no português oral culto de Fortaleza*: aspectos sociolinguísticos. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará, 2003.

CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. 11. ed., Rio de Janeiro: FAE, 1986.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, A.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.

DUBOIS, J. *et al. Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. *Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Alabama Press, 1972.

_____. *Principles of Linguistic Change: Internal factors*. Oxford / Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

LOPES, C. R.; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, C. R. S. (Org.) *A Norma Brasileira em Construção*. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, FAPERJ. 2005, p. 45-66.

LYONS, J. *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução*. Trad. Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MACHADO, A. C. M. *A implementação de “Você” no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006, 108 p.

MENON, O. P. da S.; LOREGIAN-PENKAL, L.; FAGUNDES, E. D.. O que é que se faz com os resultados do VarbRul? *Letrônica*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 319-337, jan./jun., 2013.

MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

MOTA, M. A. *A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português oral de São João da Ponte (MG)*. 2008. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade federal de Minas Gerais, Uberlândia, 2008.

NASCENTES, A. *Estudos filológicos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

OLIVEIRA, R.; LOPES, C. *Retratos da mudança no sistema pronominal: Usos tratamentais cariocas na diacronia e sincronia*. Edital Jovem Cientista da FAPERJ, Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.sigma-foco.scire.coppe.ufrj.br/UFRJ/sigma/projetos/consulta/relatorio.stm?app=PROJETOS&codigo=15418&buscas_cruzadas=ON>

RAMOS, J. O uso das formas *você*, *ocê* e *cê* no dialeto mineiro. In: HORA, D. (Org).

Diversidade linguística no Brasil. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 43-59.

RUMEU, M. C. de B. *Língua e sociedade: a história do pronome “Você” no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

SALES, I. A. *Aspectos linguísticos e sociais no uso de pronomes em cartas pessoais baianas*. 2007. 385f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005.

SILVA, E. N. A., A variação entre as formas pronominais da segunda pessoa “tu” e “você” em cartas de 1930. In: SILEI, 2, 2011. Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: EDUFU, 2011, p. 132-53.

SOARES, M. E. *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. 1980. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1980.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1996].

Data de recebimento: 15/09/2014

Data de aprovação: 20/11/2014